



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

BRUNO FERREIRA SILVA

ATLETISMO NA ESCOLA: A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Natal/RN

2018

BRUNO FERREIRA SILVA

**ATLETISMO NA ESCOLA: A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, como parte dos requisitos avaliativos referentes à obtenção do título de licenciado em Educação Física, sob orientação do professor Marcio Romeu Ribas de Oliveira.

Natal/RN

2018

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro Ciências
da Saúde – CCS

Silva, Bruno Ferreira.

Atletismo na escola: a percepção de professores de Educação Física Escolar / Bruno Ferreira Silva. - 2018.
57f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física. Natal, RN, 2018.

Orientador: Prof. Antônio de Pádua dos Santos.

Coorientador: Prof. Aguinaldo Cesar Surdi.

1. Atletismo - TCC. 2. Atletismo na escola - TCC. 3. Educação Física Escolar - TCC. I. Santos, Antônio de Pádua dos. II. Surdi, Aguinaldo Cesar. III. Título.

BRUNO FERREIRA SILVA

**ATLETISMO NA ESCOLA: A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal do Rio Grande do Norte –
UFRN, para obtenção do título de licenciado em
Educação Física.

Orientador: Professor Marcio Romeu Ribas de
Oliveira.

Banca examinadora

Prof. Aguinaldo Cesar Surdi

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Prof. Antônio de Pádua dos Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Aprovado em 25 de outubro de 2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha esposa, Mayara da Silva Lima, aos meus Pais, Joselita Ferreira Silva e Sandoval Gonçalo Silva e aos meus irmãos Alex Sandro Ferreira da Silva, Dennis Ferreira Silva e Kadidja Kelly Ferreira da Silva. Nos agradecimentos detalharei tudo que fizeram por mim para eu poder chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao meu bom Deus por toda força que me deu, para que eu pudesse superar todas as dificuldades enfrentadas durante todo o curso, que não foi fácil pelo fato de ter sido cursado por completo em paralelo ao meu trabalho. E em todos os momentos difíceis ele me iluminou e me mostrou qual o melhor caminho a seguir, mesmo quando eu achei que estava acontecendo algo que não seria tão bom em relação ao meu trabalho, ele me mostrou que aquela seria a melhor opção para que eu pudesse continuar o curso.

A minha linda esposa, Mayara da Silva Lima, por todo apoio e força que me deu durante todo o curso. Sempre esteve ao meu lado orientando e sugerindo o melhor para mim. Suportou, sempre da melhor forma possível, todas as noites em que eu ficava estudando até a madrugada. Superou, também sempre da melhor forma possível, a falta de atenção e carinho que merecia e eu não podia dar devido a quantidade de trabalhos, provas e outras atividades acadêmicas que consumiam meu pouco tempo noturno na semana e também o tempo de final de semana em algumas ocasiões. Eu diria que ela não foi só meu “braço direito”, mas sim o esquerdo, as duas pernas... o corpo todo. Obrigado por tudo.

A minha mãe, Joselita Ferreira Silva, mulher de muita fé, que nos ensinou desde pequeno tudo que precisaríamos para sermos “alguém na vida”. Com ela aprendi a ter fé e acreditar que Deus sempre iria nos abençoar pelas coisas boas que fazíamos.

Ao meu pai, Sandoval Gonçalo Silva, homem guerreiro, que mesmo diante de toda dificuldade de vida sempre nos ensinou o que de certo deveríamos fazer, sempre batalhou pelo melhor em nossos estudos. Guiou-nos sempre para o caminho do estudo e nos mostrou os erros que ele mesmo cometeu como exemplo, para que eu e meus irmãos não cometêssemos também.

A cada um dos meus irmãos, Alex Sandro Ferreira da Silva, aquele que estava sempre nos incentivando também a estudar e foi nosso professor particular, um cara de extrema inteligência que sempre esteve pronto a nos ajudar. Foi por seu esforço que iniciei minha trajetória de estudos após a conclusão do ensino médio, quando me incentivou a fazer um curso técnico, ensinando-se matemática para fazer a prova de seleção e em seguida pagando todo o curso de Segurança no Trabalho que fiz no SENAC. Esse curso foi fundamental para mudar a minha vida. Fez-me crescer pessoalmente. Dennis Ferreira Silva, o parceiro de

estudos, uma ajuda mútua que nos fez passar no concurso dos Correios e outros. Meu saudável desafio particular, se ele estava preparado para passar em um concurso, eu também deveria estar. E assim foi até nossa aprovação no primeiro vestibular que fizemos, momento inesquecível e que me deixa emocionado sempre que lembro, nós dois juntos para conferirmos o resultado final e vermos que mais uma vez a vitória estava em nosso caminho. Kadidja Kelly Ferreira da Silva, a caçula dos conselhos, sempre nos incentivando em nossos estudos. A cada vez que dizia que tinha orgulho dos irmãos, minha motivação aumentava em querer ser sempre um referencial bom para ela.

Ao Professor orientador Marcio Romeu Ribas de Oliveira por todo ensinamento desde a primeira disciplina que cursei com ele, Metodologia da Pesquisa, disciplina fundamental para minha formação, suas dicas foram infalíveis. Por ironia do destino foi o professor que me barrou em meu primeiro dia de aula, quando eu queria pagar uma disciplina que eu ainda não estava matriculado por questões burocráticas do SIGAA, e ele disse que eu só podia assistir à aula se estivesse matriculado. Ao sair da sua sala fui para outra em que o professor que estava é o que faço o próximo agradecimento e que aceitou que eu ficasse em sala.

Ao Professor Patrick Ramon Estafin Coquerel, considerado por mim o melhor professor de Educação Física da UFRN. Foi um professor que me ensinou bastante, não apenas com seus ensinamentos, mas com seus exemplos de professor, exemplo de profissional completo que é. Um dos momentos mais marcantes do curso e que me fez querer ser ainda melhor como professor, foi quando o Professor Patrick, ao finalizar a disciplina de Administração e Legislação da Educação Física e dos Esportes, teceu elogios a minha pessoa relatando o quanto eu estava cada vez mais superando as expectativas dos professores, inclusive pelo fato de trabalhar nos turnos da manhã e tarde e cursar a licenciatura à noite, contrariando o programa do curso. Ouvir em público esse elogio foi sensacional e dali em diante eu decidi que iria dar o meu máximo para ser um professor cada vez mais esforçado, com o objetivo de ser o melhor que eu pudesse ser. Como diria Mário Sergio Cortela: “Fazer o melhor nas condições que tem, enquanto não surgem melhores condições, para poder fazer melhor ainda.” Ou seja, eu sei que poderei fazer ainda melhor quando estiver me dedicando somente a área da Educação Física.

A todos os outros professores com os quais cursei alguma disciplina durante a trajetória do curso, pelos ensinamentos que foram fundamentais para meu aprendizado. Por todo apoio dispensado sempre que busquei ajuda durante as dificuldades encontradas nas disciplinas.

Com algumas raras exceções foram todos sempre prestativos e ajudaram da melhor forma possível.

A todos os colegas de curso, inclusive aos que não são da área da Educação Física, com os quais estudei em diversas disciplinas no departamento de educação física e em outros setores de aula da UFRN, por todo apoio, incentivo e aprendizado construídos juntos durante essa jornada. Em especial a três colegas que estiveram sempre juntos comigo, praticamente em todo semestre pagando algumas mesmas disciplinas, Danyelle Soares da Costa, Filipe Gonçalves Barbosa e Rayssa de Melo Silva, os quais participam comigo até hoje de um grupo de whatsapp.

A todos os professores das escolas que realizei os estágios obrigatórios do curso: Professora Flávia Uchôa, Professora Diva Gioconda e o Professor Ivan Pacheco. Além de outros professores que pude conhecer para além da universidade, um deles em um trabalho da disciplina Didática da Educação Física realizado na escola Edgar Barbosa, Professor Joadson Martins e outro que conheci em um curso extracurricular, Professor Francinildo Bernardes. Professores com os quais aprendi bastante, e que me motivaram cada vez mais a querer ser sempre melhor.

A todos os professores participantes da pesquisa deste trabalho, pela oportunidade e disposição em ajudar da melhor forma possível no processo de coleta de dados.

A todas as outras pessoas que contribuíram direta e indiretamente para que eu conseguisse mais essa vitória em minha vida.

A Força do Professor

Um guerreiro sem espada
sem faca, foice ou facão
armado só de amor
segurando um giz na mão
o livro é seu escudo
que lhe protege de tudo
que possa lhe causar dor
por isso eu tenho dito
Tenho fé e acredito
na força do professor.

Ah... se um dia governantes
prestassem mais atenção
nos verdadeiros heróis
que constroem a nação
ah... se fizessem justiça
sem corpo mole ou preguiça
lhe dando o real valor
eu daria um grande grito
Tenho fé e acredito
na força do professor.

Porém não sinta vergonha
não se sinta derrotado
se o nosso país vai mal
você não é o culpado
Nas potências mundiais
são sempre heróis nacionais
e por aqui sem valor
mesmo triste e muito aflito
Tenho fé e acredito
na força do professor.

Um arquiteto de sonhos
Engenheiro do futuro
Um motorista da vida
dirigindo no escuro
Um plantador de esperança
plantando em cada criança
um adulto sonhador
e esse cordel foi escrito
por que ainda acredito
na força do professor.

Bráulio Bessa

RESUMO

A Educação Física escolar vem passando por mudanças em suas características abordadas como disciplina na escola. Já desde o ano de 1851, quando passou a ser obrigatória nas escolas do município da corte com a reforma Couto Ferraz, vieram sendo feitas novas mudanças, algumas bem importantes como o parecer de Rui Barbosa sobre o Projeto 224 - Reforma Leôncio de Carvalho - Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879. Porém, em 1937, é que a Educação Física foi referência explícita em textos constitucionais e a partir da elaboração da Constituição 1961, é que temos a primeira Lei que determinou a obrigatoriedade da Educação Física para o ensino primário e médio - Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB. Mais recentemente, em 1997, outro documento importante surgiu na perspectiva de tentar nortear o trabalho pedagógico da Educação Física – os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’S. Já em 2016 temos a Base Nacional Comum Curricular que vem para tentar aprimorar os PCN’S e criar um currículo comum em todo o país. Quer seja no âmbito de concepções pedagógicas de ensino, quer seja na diversificação dos conteúdos ministrados nas aulas, O fato é que, tem se notado que os professores vêm utilizando um pouco mais os diversos conteúdos da Educação Física que foram propostos nos PCN’S e na BNCC. O atletismo é um dos conteúdos que vem sendo investigados em diversos estados do Brasil sobre o uso pelos professores em suas aulas. Uma revisão sistemática realizada em 2015 mostrou que nos últimos 10 anos, cresceu o número de professores ensinando o atletismo como conteúdo do componente curricular Educação Física. O objetivo geral deste trabalho foi investigar o contexto real do conteúdo atletismo nas aulas de Educação Física em escolas públicas de Natal-RN, verificando se o conteúdo estaria sendo utilizado pelos professores em suas aulas de Educação Física e em que aspecto este conteúdo poderia estar sendo utilizado. Caracteriza-se como pesquisa descritiva. A pesquisa bibliográfica e o levantamento foram os caminhos metodológicos seguidos para se obter os resultados do trabalho. Foi utilizado o questionário on-line com 15 itens, sendo uma parte para conhecimento do professor e outra para conhecimento da atuação deste e saber se o uso do conteúdo do atletismo em sua prática pedagógica estava ocorrendo. A partir da análise dos dados, concluiu-se que o conteúdo investigado está sendo trabalhado pela maioria dos professores (87,5%) de Educação Física da rede municipal de Natal-RN.

PALAVRAS-CHAVES: Educação Física escolar; Atletismo; Atletismo na escola.

ABSTRACT

School Physical Education has undergone changes in its approach as a discipline in school. Since the year 1851, when it was designated for the schools of the city of court with the reform Couto Ferraz, new changes have been made, some of them very important like the opinion of Rui Barbosa on Project 224 - Reforma Leôncio de Carvalho - Decree nº 7.247, of April 19, 1879. However, in 1937, it is when Physical Education was an explicit reference in constitutional texts, and from the elaboration of 1961 Constitution, it is when we have the first law that determined the mandatory of Physical Education for primary and secondary education – Law of Guidelines and Bases of Education - LDB. More recently, in 1997, another important document came in the perspective of trying to guide the pedagogical work of Physical Education - the National Curriculum Parameters - PCN'S. Already in 2016 we have a National Common Curricular Base that comes to try to improve the PCN'S and create a common curriculum throughout the country. Whether it is in the context of pedagogical conceptions of teaching, whether in the diversification of content taught in class, the fact is that has been noticed that the teachers have been using a little more of the many contents of Physical Education that were proposed in the PCN'S and the BNCC. Athletics is one of the contents that have been investigated in several states of Brazil about its use by teachers in their classes. A systematic review carried out in 2015 has shown that in the last 10 years, the number of teachers teaching athletics as content of the Physical Education curriculum component has increased. The general objective of this study was to investigate the real context of athletics content in Physical Education classes in Natal-RN public schools, verifying if the content was being used by teachers in their Physical Education classes and in what aspect this content could be used. It is characterized as descriptive research. The bibliographic research and the survey were the methodological paths followed to obtain the results of the research. The online questionnaire with 15 items was used, one part for the knowledge of the teacher and another for the knowledge of the teacher's performance and to know if the use of the content of athletics in his pedagogical practice was taking place. From the analysis of the data, it was concluded that the content investigated is being worked by the majority of the teachers (87.5%) of Physical Education of the municipal network of Natal-RN.

KEYWORDS: School Physical Education; Athletics; Athletics at school

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: Identificação do Professor

IMAGEM 2: Idade do Professor

IMAGEM 3: Ano de conclusão da graduação do professor

IMAGEM 4: Rede de ensino em que o professor atua

IMAGEM 5: Localização da escola em que o professor atua

IMAGEM 6: Nível de ensino em que o professor atua

IMAGEM 7: Experiência no ensino fundamental

IMAGEM 8: Questionamento se haveria aula de atletismo no planejamento de ensino do ano 2018

IMAGEM 9: Perspectiva de ensino nas aulas de atletismo

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Graduação dos professores que responderam o questionário.

QUADRO 2: Título de formação (além da graduação) dos professores que responderam o questionário.

QUADRO 3: Resposta dos professores ao questionamento da segunda pergunta se haveria aula ou não de Atletismo no planejamento de 2018, em que o objetivo era, se não houvesse aula, investigar por quais motivos.

QUADRO 4: Recursos materiais disponíveis nas escolas em que os professores trabalham.

QUADRO 5: Lista de espaços disponíveis nas escolas em que os professores atuam.

QUADRO 6: Respostas dos professores para a pergunta sobre ter cursado alguma disciplina relacionada ao atletismo em sua graduação.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	14
1.1 - O PORQUÊ DA INVESTIGAÇÃO	14
1.2 - O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ÂMBITO ESCOLAR	15
1.3 - PROBLEMA	16
1.4 - OBJETIVOS	17
1.4.1 - OBJETIVO GERAL	17
1.4.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	17
1.5 - JUSTIFICATIVA	17
2 - CAPÍTULO I	19
2.1 - REFERENCIAL TEÓRICO.....	19
2.1.1 - O ATLETISMO	19
2.1.2 - ATLETISMO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	19
2.1.3 - ATLETISMO E O CONTEXTO LÚDICO	22
2.1.4 - ATLETISMO E O DESENVOLVIMENTO MOTOR.....	25
3 - CAPÍTULO II	28
3.1 - METODOLOGIA	28
3.1.1 - TIPO DE ESTUDO	28
3.1.2 - UNIVERSO AMOSTRAL DA PESQUISA E INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS	29
3.1.3 - DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS	30
3.2 - RESULTADOS	31
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	52
APÊNDICE	55
APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES	55

1 - INTRODUÇÃO

1.1 - O PORQUÊ DA INVESTIGAÇÃO

Considerando o atletismo um dos esportes mais atraentes para a criança na fase do ensino fundamental, o interesse do pesquisador surgiu a partir de uma análise de trabalhos que sempre colocavam outros esportes (futebol/futsal, vôlei, handebol, basquete) como protagonistas na Educação Física escolar de um modo geral. A partir disso surge a inquietude de saber o real motivo pelo qual os professores não utilizavam o Atletismo nas aulas de educação física.

Destaco que em minha fase escolar participei de algumas poucas aulas da disciplina Educação Física, pois sempre fui atleta das seleções de futsal dos colégios que estudei, assim não frequentava as aulas de educação física. Pois bem, então em pesquisas realizadas sobre o tema Atletismo na escola, pude perceber alguns dos motivos pelos quais os professores preferem utilizar os outros esportes e não o atletismo, motivos esses que irei detalhar mais adiante.

Pensando nessa situação, investi na ideia de investigar: o que ocorre nas escolas de Natal com relação ao ensino do atletismo? Para isso seria preciso saber com quem de fato atua nas escolas: os Professores de Educação Física escolar. Minha curiosidade em investigar tal situação se deu pelo fato de que os trabalhos analisados sempre envolviam estados do sul e sudeste em sua maioria.

1.2 - O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ÂMBITO ESCOLAR

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação - 1996

Quando pensamos em Educação Física Escolar hoje em dia, temos um pensamento amplamente aberto para as diversas práticas pedagógicas que podem ser aplicadas no contexto escolar. No século passado essa prática esteve limitada nitidamente às instituições militares e a classes médica. “A Educação Física, então, favorecia a educação do corpo, tendo como meta a constituição de um físico saudável equilibrado organicamente, menos suscetível a doenças”. (BRASIL, 1997, p.19).

Em 1851, a Educação Física passou a ser obrigatória nas escolas do município da corte, devido à reforma Couto Ferraz. Em 1882, temos a inclusão da ginástica nas escolas a partir do parecer de Rui Barbosa sobre o Projeto 224 - Reforma Leôncio de Carvalho - Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879 (BRASIL, 1997). Temos aí duas datas marcantes para o avanço no processo da inclusão da Educação Física na escola.

As discussões sobre métodos, práticas e os problemas da Educação Física começaram a ser debatidas em 1929, com a III Conferência Nacional da Educação. “A Educação Física que se ensinava nesse período era baseada nos métodos europeus – o sueco, o alemão e posteriormente o francês, que se firmavam em princípios biológicos” (BRASIL, 1997, p.20).

Só em 1937, é que a Educação Física foi referência explícita em textos constitucionais, a partir da elaboração da Constituição. Já em 1961, é que temos a primeira Lei que determinou a obrigatoriedade da Educação Física para o ensino primário e médio. Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB. É nesse momento que a aula começa a ganhar o caráter de esporte. (BRASIL, 1997, p.20).

O Decreto nº 69.450, de 1971, naquela época, considerou a Educação Física como “a atividade que, por seus meios, processos e técnicas desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívica, psíquicas e sociais do educando”. Percebe-se que ainda se mantém a ênfase na aptidão física, pois o decreto deixou a desejar no quesito especificidade. Nos anos 1980, percebeu-se que o chamado “modelo piramidal” não estava apresentando os resultados esperados, ou seja, “o Brasil não se tornou uma nação olímpica e a competição esportiva da elite não aumentou o número de praticantes de atividades físicas” (BRASIL, 1997, p.21). A partir disso surge a crise de identidade da Educação Física e as mudanças nas políticas

educacionais, que, segundo Caparroz, (1997, apud MACHADO e BRACHT, 2016) alguns anos depois essa crise ficou conhecida como Movimento Renovador da Educação Física-MREF. O enfoque passaria a ser no desenvolvimento psicomotor do aluno, a escola deixaria de ter o foco na promoção dos esportes de rendimento (BRASIL, 1997).

Na década de 1980 surgem as discussões sobre as teorias críticas da Educação Física, passando a questionar o papel e a dimensão política da Educação Física. Atualmente existem várias abordagens de ensino para a Educação Física, baseadas em diferentes teorias pedagógicas, sociológicas e concepções filosóficas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) para a Educação Física são uma dessas abordagens, conforme entendimento de Darido, 2011. Segundo a autora, os PCNs - área Educação Física - apresentam três aspectos de grande importância para o projeto de melhoria da qualidade das aulas, vejamos: 1 - princípio da inclusão; 2 - as dimensões dos conteúdos (Atitudinal, conceitual e procedimental); 3 - temas transversais. Numa perspectiva mais atual, apresenta-se a Base Nacional Comum Curricular, que tenta proporcionar um caminho mais objetivo para as práticas pedagógicas da Educação Física escolar a partir das unidades temáticas: Brincadeiras e jogos; Esportes; Ginásticas, Danças; Lutas; Práticas corporais de aventura. (BRASIL, 2017). Ainda de acordo com a BNCC, um detalhamento maior, das chamadas dimensões dos conteúdos nos PCN's, foi feito na intenção de destacar a delimitação das habilidades, a isso se deu o nome de dimensões do conhecimento, elencando-se oito dimensões, a saber: 1 – experimentação; 2 – uso e apropriação; 3 – fruição; 4 – reflexão sobre a ação; 5 – construção de valores; 6 – análise; 7 – compreensão; 8 – protagonismo comunitário (BRASIL, 2017).

1.3 - PROBLEMA

Tendo em vista a análise de estudos sobre as aulas de atletismo no ensino fundamental, este trabalho se propõe a investigar a seguinte questão: os professores de Educação Física participantes da pesquisa estão utilizando ou não o conteúdo Atletismo em suas aulas?

1.4 - OBJETIVOS

1.4.1 - OBJETIVO GERAL

Investigar o uso do conteúdo atletismo nas aulas de Educação Física junto a professores da área, principalmente atuando em escolas de Natal-RN, verificando se o conteúdo em questão está sendo utilizado pelos professores em suas aulas de Educação Física e em que aspecto este conteúdo pode estar sendo ensinado: um aspecto lúdico, de promoção do atletismo ou um aspecto de rendimento, de promoção de atletas.

1.4.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar, se houver aula de atletismo, a quantidade de aulas e quais os conteúdos das aulas;

Verificar a disponibilidade de recursos materiais e de infraestrutura disponíveis nas escolas em que os professores atuam;

Detectar quais as dificuldades enfrentadas pelos professores de Educação Física das escolas públicas de Natal para a aplicação de aulas de atletismo na escola em que o objetivo principal não seja o rendimento esportivo para competições.

1.5 - JUSTIFICATIVA

Diante da análise prévia de alguns estudos abordando a prática do atletismo nas aulas de Educação Física no ambiente escolar, percebe-se que os trabalhos apontam a falta de recursos materiais e infraestrutura como as causas principais para não se trabalhar o esporte em questão nas escolas. Com isso, o atletismo é ainda pouco trabalhado em aulas de Educação Física na escola. (PRADO E MATTHIESEN, 2007).

Outro aspecto que justifica este trabalho está relacionado com a prática do atletismo na escola apenas como preparação da criança para desenvolver as habilidades técnicas do esporte como forma de futuramente vir a ser um atleta de alto nível. Não se deve, no ensino fundamental, levar em consideração apenas o aspecto do treinamento especializado precoce, que segundo Kunz (2014), está se tornando um problema sério no atletismo brasileiro e que

pode trazer problemas para a vida futura da criança após encerrar a carreira esportiva. Alguns desses problemas podem ser, segundo Kunz (2014):

- Formação escolar deficiente, devido à grande exigência em acompanhar com êxito a carreira esportiva;
- A unilaterização de desenvolvimento que deveria ser plural;
- Reduzida participação em atividades, brincadeiras e jogos do mundo infantil, indispensável para o desenvolvimento da personalidade na infância.

E ainda justificando a pesquisa, faz-se necessário também saber a realidade do uso do atletismo no estado do RN, uma vez que em revisão sistemática Mota e Silva et al., (2015) buscaram estudos que mostrassem se o atletismo está sendo devidamente utilizado na Educação Física escolar e os dados apresentam apenas um trabalho do estado do Nordeste, sendo este de Sergipe. O resultado dessa pesquisa, em periódicos da área com publicações entre 2005 e 2013, mostrou que quase 82% dos estudos foram realizados em estados do Sul e Sudeste. O Nordeste contribui com um estudo de Sergipe, como já relatado. Foram identificados apenas 11 estudos nesse sentido. Obviamente que outros trabalhos possam ter sido desenvolvidos, porém não constam nas publicações de periódicos da área pesquisadas no trabalho de revisão supracitado.

Portanto, é preciso que novas investigações sejam feitas para que se possa ter uma noção mais aprofundada do uso do Atletismo na Educação Física escolar. Nesse sentido devemos propagar estudos como este aqui desenvolvido, no sentido de investigar a disseminação do conteúdo Atletismo nas aulas de Educação Física escolar.

2 - CAPÍTULO I

2.1 - REFERENCIAL TEÓRICO

2.1.1 - O ATLETISMO

De acordo com o site da Confederação Brasileira de Atletismo - CBAT, o Atletismo conta a história esportiva no homem no Planeta. É chamado de esporte-base, porque sua prática corresponde a movimentos culturais do ser humano: correr, saltar, lançar. Não por acaso, a primeira competição esportiva de que se tem notícia foi uma corrida, nos Jogos de 776 a.C. na cidade de Olímpia, na Grécia, que deram origem às Olimpíadas. A prova, chamada pelos gregos de "stadium", tinha cerca de 200 metros e o vencedor, Coroebus, é considerado o primeiro campeão olímpico da história. Ainda conforme a CBAT, o Atletismo é um esporte com provas de pista (corridas), de campo (saltos e lançamentos), provas combinadas, como decatlo e heptatlo (que reúnem provas de pista e de campo), o pedestrianismo (corridas de rua, como a maratona), corridas em campo (*cross country*), corridas em montanha, e marcha atlética. Dentro de cada modalidade existem as variações o que favorece a dinâmica nas aulas de educação física se assim o professor quiser fazer, ou seja, utilizar-se das diversas variações para trabalhar o conteúdo com os alunos.

Conforme Prado e Matthiesen (2007), conhecido desde a Grécia Antiga, o atletismo, embora faça parte da programação olímpica por meio de algumas de suas provas desde sempre, tem sua história pouco divulgada e contextualizada por parte daqueles que o ensinam e/ou o praticam, mesmo sendo uma prática bastante diversificada e inerente ao ser humano, conforme observamos no destaque do Coletivo de Autores: “O atletismo inclui as práticas de correr, saltar e arremessar/lançar. Essas práticas foram criadas pelo homem. O seu desenvolvimento e evolução são consequências da elaboração cultural”. (Coletivo de Autores, 2012, p. 72).

2.1.2 - ATLETISMO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Dentre os diversos conteúdos da Educação Física “o atletismo encontra-se no bloco de conteúdos dos Esportes” (BOA VENTURA E RICCI, 2011, p. 249). Conforme Matthiensen (2012), classificado como um dos conteúdos clássicos da Educação Física, o atletismo

permanece sem uma disseminação ampla nas escolas e clubes do Brasil. O resultado aqui alcançado vai mostrar um avanço nessa disseminação do Atletismo, pelo menos na escola, o que contraria em parte o trabalho de Matthiensen, (2012).

Além disso, o atletismo, em muitos casos, ainda é ensinado na escola na perspectiva de rendimento, não se percebe processos pedagógicos que favoreçam a criatividade, novas formas de movimentos. O conteúdo fica restrito a provas de corridas e saltos, como apontam Marque e Iora (2009). Nos resultados obtidos neste trabalho apresentamos algo parecido, onde as corridas e arremessos foram os conteúdos mais relatados pelos professores que participaram da pesquisa.

Ainda segundo Matthiensen (2012), é durante os Jogos Olímpicos que o Atletismo passa a ser mais conhecido pela população, devido às transmissões televisivas, que proporcionam um pouco do conhecimento em relação ao atletismo com a divulgação de nomes de atletas, nome de provas, recorde, etc. Porém, quando apresentado na escola o conteúdo não pode se reduzir a busca de atletas e sim deve ser trabalhado “para além dessa perspectiva competitiva e restrita a grandes eventos mundiais, é preciso que se explore o lado educacional do atletismo” (MATTHIENSEN, 2012, p. 18). Em uma análise da perspectiva de ensino, verificamos nesta pesquisa que os professores estão mais conscientes dessa situação e referiram em sua maioria não trabalhar com a perspectiva de rendimento. Isso mostra a tendência de mudança de concepção que está se tomando em relação ao ensino do Atletismo na escola.

O contexto educacional pode ser trabalhado a partir das dimensões dos conteúdos. No que se refere a essa temática, Matthiesen e Prado (2007) relatam a importância de se trabalhar as diversas dimensões do conteúdo e não só a dimensão procedimental. Ou seja, além do procedimento de como fazer, é preciso fazer com que os alunos entendam as dimensões atitudinal e conceitual sobre os conteúdos das aulas de educação física. Assim, logicamente deve ser com o atletismo também.

O fato é que nem todos os professores abordam essas três perspectivas de dimensões do conteúdo. No que se refere à dimensão conceitual, segundo Nascimento (2010), muitas vezes os professores não têm conhecimento do contexto histórico-cultural da modalidade ou prova específica.

Nascimento (2010, p. 100), quando diz que:

A abordagem do atletismo no currículo escolar deve ser para o aluno uma oportunidade de descobrir e conhecer, brincar com diferentes formas, deixar que o comportamento motor se modifique a partir de experiências, trabalhar

com exploração e resoluções, criando e recriando, procurando atingir sua autonomia dentro do atletismo.

nos mostra a tamanha importância de se promover aulas numa perspectiva de um significado diferente para a criança, fazendo com que a aula se torne prazerosa e que proporcionem alegria para os alunos, de forma que a partir desse contexto possam gostar cada vez mais das aulas de atletismo.

Para isso, Matthiesen (2012), sugere que a partir de atividades recreativas, o professor possa promover o conhecimento do atletismo e, a partir daí, os alunos possam despertar o prazer pelos movimentos desse esporte.

Boaventura e Ricci (2011, p. 249) corroboram com Matthiesen quando afirmam:

O professor pode diversificar os temas de suas aulas, procurando, inclusive, oferecer o atletismo de maneira alternativa, não precisando utilizar os materiais oficiais, muito menos uma pista ou caixa de areia. O despertar do interesse do aluno pela modalidade muitas vezes pode ser alcançado com jogos de arremessos, atividades de corridas, saltos e lançamentos na própria quadra, no pátio ou no terreno da escola. A experiência de superar as próprias marcas, como diminuir o tempo em um pequeno tiro de velocidade, pode ser um grande atrativo para os alunos.

No entanto, é preciso compreender que para o ensino do atletismo de forma prazerosa, lúdica, não basta apenas deixar de utilizar o tradicional atletismo de rendimento por brincadeiras de corridas e saltos de qualquer modo. Numa perspectiva de transformação didática pedagógica do esporte, Kunz e Souza (2013) afirmam que “inicialmente não se pode ter a ideia de que isso significa a redução de um modo “correto” da prática do atletismo para uma alternativa em forma de simples “brincadeiras””.

Ainda segundo os mesmos autores (p.25), outro fator que merece destaque quanto ao ensino do atletismo na educação física escolar é o de que no processo de “transformação didático-pedagógica do atletismo” é preciso, primeiramente:

Orientar o ensino num processo de ‘desconstrução de imagens’, ou seja, desconstrução de imagens negativas que o aluno interiorizou pela prática de um atletismo autoritário e domesticador, da prática “massacrante”, em que só se pode obter êxito tendo uma excelente condição natural de força, velocidade e resistência orgânica ou a partir de um enorme investimento na melhoria dessas capacidades físicas, da forma física.

O grande problema é que mesmo depois de vários anos na tentativa de fazer com que o atletismo seja inserido nas aulas de Educação Física, o conteúdo ainda não está sendo difundido com se esperava. Mota e Silva et al. (2015) mostram em revisão sistemática que os problemas para o não uso do conteúdo pelos professores ainda são os mesmos: a falta de

materiais específicos e infraestrutura adequada. Entretanto, os autores relatam que essa é uma situação equivocada, tendo em vista há diversos estudos que já mostram as possibilidades de se trabalhar com o atletismo na escola mesmo quando não se tem os materiais e infraestrutura adequada.

Continuando, Mota e Silva et al. (2015) consideram que nos últimos dez anos, parece ter havido um aumento do ensino do atletismo na escola. Apesar de que o atletismo continua não sendo trabalhado de forma plena, prioriza-se ainda as corridas e os saltos, segundo os mesmos autores. Para que ocorra uma mudança quanto à prática pedagógica do conteúdo atletismo é preciso “que se invista mais na formação inicial e continuada de seus profissionais, de forma que lhes seja fornecida uma visão mais ampliada das possibilidades pedagógicas dessa modalidade” (Mota e Silva et al, 2015. p. 1119).

Kunz e Souza (2013, p. 23) já afirmavam essa necessidade se investir na formação inicial de professores e muito mais do que isso:

[...] tanto nos curso de Graduação quanto em diferentes programas de ‘formação continuada de professores’, ou, ainda, em múltiplas formas de minicursos, seminários em escolas, em congresso, em encontros, etc., deveria discutir-se constantemente temáticas que envolvessem questões como as possibilidades interventoras na realidade educacional a partir de mudanças na concepção de ensino, de conteúdo, de metodologias, da própria escola, e, enfim, da própria compreensão de aluno.

Nessa linha de pensamento, Santos e Dias (2011, p.3) ratificam que “o atletismo pode ser praticado na escola desde que, os professores sejam estimulados a recriar a sua prática e o seu sentido, levando os alunos às experiências exitosas, mostrando que não há necessidade de sobrepujar os colegas [...]”. Ou seja, o professor precisa estar em constante formação, no que se refere aos conteúdos que não tem tanto domínio, principalmente, para que possa, de fato, utilizá-lo de forma eficaz em sua prática pedagógica.

Assim sendo, sugerimos que o professor verifique as sugestões de trabalhos com o Atletismo na escola, relatadas ao final desta pesquisa, nas considerações finais, a fim de compreender melhor as diversas formas de se utilizar do conteúdo Atletismo em suas aulas.

2.1.3 - ATLETISMO E O CONTEXTO LÚDICO

Em uma definição simplificada a partir de um dicionário on-line (Houaiss) encontramos que lúdico é: relativo a jogo; ou relativo a brinquedo, brincadeira ou ao que tem

as suas características prazerosas. No entanto no contexto pedagógico o termo lúdico adquire o aspecto de promover aprendizagem a partir de atividades prazerosas, que proporcionem o desenvolvimento integral da criança. Segundo Almeida (2003), a educação lúdica segue um caminho para o conhecimento e não pode ser vista apenas como uma brincadeira vulgar ou diversão superficial.

Almeida (2003, p.14) relata que “educar ludicamente tem um significado muito profundo e está presente em todos os seguimentos da vida”. Brincar de bolinha de gude ou de boneca não representa apenas o simples brincar ou divertimento, é um momento de desenvolvimento cognitivo e social. (ALMEIDA, 2003)

O fenômeno lúdico é, sem dúvida, um aspecto de grande relevância quando pensamos em aprendizagem prazerosa. Nesse sentido, é preciso compreender, conforme Almeida (2003, p.26) “a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais, por isso, indispensáveis á prática educativa”. Ou seja, o professor deve contemplar o lúdico em sua prática pedagógica, a fim de proporcionar aos alunos uma aprendizagem mais significativa, que dê prazer.

Pensar no lúdico é pensar no jogo. Por esse motivo faz-se necessário avaliar o caráter educativo e lúdico que o jogo proporciona. Em um contexto amplo, Huizinga (2000, p. 35) caracteriza o jogo como sendo:

Uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da ‘vida quotidiana’.

O jogo enquanto processo pedagógico tem função primordial na formação humana. Freire (2000, p. 87) nos mostra o poder de educar que o jogo tem quando afirma que este: “educa não para que saibamos mais matemática ou português ou futebol; ele educa para sermos mais gente, o que não é pouco”. Ainda segundo o mesmo autor (p.119) “o jogo é uma coisa nova feita de coisas velhas. Quem vai ao jogo leva, para jogar, as coisas que já possui, que pertencem ao seu campo de conhecimento [...]”.

Com esse conceito, quero chamar a atenção para o fato de que, no atletismo, os movimentos da cultura humana como correr, arremessar, saltar, etc, fazem parte da criança, ou seja, toda e qualquer criança no ensino fundamental alguma vez na vida já correu, já arremessou algo, ou já saltou alguma coisa e é muito provável que isso foi feito em alguma brincadeira. Nesse sentido, é interessante perceber que os professores de Educação Física

parece que não se apropriaram do Jogo em seu caráter lúdico e educativo para ensinar o atletismo, conforme Santos (2000, p. 18) afirma:

Os professores de Educação Física, talvez não tenham percebido esta estratégia de ensino para o atletismo nas suas aulas ou nas tão famosas iniciações esportivas, a Educação Física parece que esqueceu da cultura de movimento trazido pela criança, como correr de barra bandeira, pular corda, pegar pareia, inventar obstáculos para saltar, não seja conteúdos que possa ser utilizado no ensino do atletismo utilizando o conhecimento da criança.

Dessa forma, devemos considerar que o jogo é uma forma de fazer com que a criança sinta prazer em praticar as aulas de atletismo. Para isso, é necessário que o professor consiga adaptar sua prática de ensino a tudo que a criança já possui.

Uma das formas de se utilizar o jogo pensando nas experiências dos alunos é utilizar a concepção de aulas abertas a experiências. A esse respeito é preciso compreender um pouco mais dessa concepção proposta por Hildebrandt-Stramann.

O autor sugere que: “A mediação de movimento baseado na experiência deve, na escola, orientar-se explicitamente em momentos constitutivos de movimento e aprendizagem fundamentados na experiência”. (HILDEBRANDT-STRAMANN, 2009, p. 27).

Citando alguns exemplos de aulas abertas a experiências, (HILDEBRANDT-STRAMANN et al., 1991 - GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO) nos mostra como trabalhar com o tema “saltar”, que perfeitamente pode ser utilizado em uma aula de atletismo na escola. Em aula, os alunos caminham pelo terreno da escola para conhecerem as possibilidades de saltar alguma coisa. Após a caminhada os alunos relataram algumas situações que poderiam proporcionar saltos: um pequeno desnível no gramado; um muro de cimento de quase 1,80 metros de altura; uma árvore; poças d’água; corte no terreno e um fosso.

Em outro exemplo de aula, em que o tema foi “experimentação de movimentos com caixas de papelão”, quando o professor expos o tema e a intenção da aula, apresentou o material e os alunos partiram para suas experiências. Pode se observar que os alunos logo descobriram que poderiam: saltar sobre as caixas de formas diferentes, sozinhos e em grupos; correr entre as caixas e usá-las com obstáculos.

Portanto, percebe-se claramente que, como forma de iniciação ao atletismo pode-se trabalhar de forma lúdica, proporcionando conhecimento aos alunos e de forma simples, considerando a cultura já existente em cada um, e ainda, utilizando-se de materiais e espaços que a própria escola pode oferecer, sem necessariamente ser uma pista oficial de atletismo.

2.1.4 - ATLETISMO E O DESENVOLVIMENTO MOTOR

O principal aspecto a ser analisado aqui é a compreensão do Desenvolvimento Motor no âmbito da Educação Física escolar e sua relação com o Atletismo.

Dentre alguns conceitos importantes podemos citar: conforme GALLAHUE E DONNELLY (2008), **Desenvolvimento Motor** é uma mudança progressiva no comportamento motor de uma pessoa desencadeado pela interação da tarefa de movimento com a biologia do indivíduo e as condições do ambiente de aprendizado (p. 14). **Habilidade Motora** refere-se ao desenvolvimento do controle motor, precisão e exatidão na execução dos movimentos fundamentais e especializados (p. 14/15). **Aprendizagem Cognitiva** é o processo pelo qual a informação é organizada, colocada na memória e posta à disposição para ser lembrada e aplicada a uma variedade de situações (p. 104) **Crescimento Físico** é um processo associado com o aumento no tamanho estrutural, caracterizado por aumentos regulares de altura, peso e massa muscular durante a infância (p. 26). **Maturação**: mudanças qualitativas que permitem a progressão até níveis mais elevados de funcionamento (GALLAHUE, OZMUN E GOODWAY, 2013. p. 30). **Experiência**: está associada a fatores no ambiente que podem alterar o aparecimento de várias características do desenvolvimento ao longo do processo de aprendizado (GALLAHUE, OZMUN E GOODWAY, 2013. p. 30). Todos esses conceitos serão importantes para que os professores possam fazer as análises das aulas de iniciação ao atletismo na Educação Física escolar, no sentido de identificar a evolução da melhora do desenvolvimento motor a partir das práticas lúdicas do atletismo na escola.

Nesse sentido, podemos perceber o quanto serão importantes as aulas de iniciação ao atletismo para as crianças do ensino fundamental, uma vez que as experiências vividas nesta modalidade servirão de base para outras quando já estiverem nas fases posteriores da vida. Conforme Tani, et al. (2014), são nos primeiros anos de vida que surgem uma série de movimentos voluntários, permitindo o controle postural da cabeça, tronco, movimentos de alcançar e pegar, manutenção da postura erecta sentado, e depois em pé, o andar erecto, correr, saltar, arremessar etc. Como podemos perceber, atividades as quais serão trabalhadas nas aulas de atletismos. Daí se comprova mais uma vez a importância da prática da iniciação ao atletismo com crianças no ensino fundamental com o objetivo de trabalhar o desenvolvimento motor.

Além disso, na compreensão do desenvolvimento humano temos domínios do comportamento humano, caracterizados por três tipos, quais sejam: domínio cognitivo, domínio afetivo-social e domínio motor (TANI, et al., 2014). Tratando do tema Esporte, mais especificamente Atletismo, veremos que predominantemente teremos no comportamento humano o domínio motor. Dentro desse domínio encontramos três tipos básicos de comportamento: contactar, manipular e ou mover um objeto; controlar o corpo ou objetos quando em equilíbrios; mover ou controlar o corpo ou parte do corpo no espaço, segundo Singer (1980, apud TANI, et. al. 2014). Se pensarmos que o atletismo envolve vários comportamentos culturais do homem, como por exemplo, o caminhar, o correr, o saltar, dentre outros, teremos aí uma boa proposta para trabalhar o desenvolvimento motor das crianças na educação física escolar.

Na perspectiva de desenvolvimento de habilidades motoras básicas, Matthiesen (2012), nos remete aos jogos pré-desportivos como prática para utilização dessas habilidades (marchar, correr, saltar, lançar e arremessar).

O atletismo, se bem ensinado na educação física escolar, poderá proporcionar melhor desenvolvimento das capacidades motoras do aluno. Kunz (2014, p. 87) destaca algumas “capacidades nas quais a aprendizagem motora concentra seus esforços para aprimorar a competência motora geral do aprendiz”, quais sejam:

- a capacidade de reação frente às mais diferentes tarefas motoras;
- a capacidade de adaptação frente às mais diferentes tarefas motoras;
- a capacidade de condução em diferentes e múltiplas tarefas motoras;
- a capacidade de orientação em diferentes situações motoras;
- a capacidade de combinação de diferentes tarefas motoras.

Nesse contexto, percebemos mais uma vez a importância da iniciação ao atletismo na escola quando este tema é tratado nos Parâmetros Curriculares Nacionais - Educação Física - que, nos “conteúdos da Educação Física para o primeiro ciclo” cita:

No primeiro ciclo, em função da transição que se processa entre as brincadeiras de caráter simbólico e individual para as brincadeiras sociais e regradas, os jogos e as brincadeiras privilegiados serão aqueles cujas regras forem mais simples. Jogos do tipo mãe-da-rua, **esconde-esconde**, **pique-bandeira**, entre muitos outros, permitem que a criança vivencie uma série de movimentos dentro de certas delimitações. Um compromisso com as regras inclui a aprendizagem de movimentos como, por exemplo, **frear antes de**

uma linha, desviar de obstáculos ou arremessar uma bola a uma determinada distância. (BRASIL, 1997. p. 47, grifo nosso).

Nesse sentido, percebemos a grande variedade de brincadeiras que envolvem os movimentos do Atletismo e que, por este motivo, é um dos esportes que mais estabelecem relação com os movimentos humanos. Assim sendo, esta prática não pode ser deixada de lado nas aulas de Educação Física.

3 - CAPÍTULO II

3.1 - METODOLOGIA

3.1.1 - TIPO DE ESTUDO

Inicialmente realizou-se uma análise a partir de artigos, livros e outras fontes de pesquisa, com o objetivo de entender qual a situação atual do uso do conteúdo Atletismo nas aulas de Educação Física escolar de modo geral no país.

A investigação ora levantada está caracterizada como descritiva, a qual tem por objetivo “descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de Levantamento.”. (SILVA E MENEZES, 2015, p. 21).

O trabalho em questão utilizou o “levantamento” para obtenção dos dados. Segundo Silva e Menezes (2005, p.21), o levantamento em pesquisa ocorre “quando a pesquisa envolve a interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer”. E ainda conforme Cajueiro (2005, p. 28) o levantamento “procede à solicitação de informações a um grupo de pessoas acerca do problema estudado, para, em seguida, mediante análise quantitativa, obter-se as conclusões correspondentes aos dados coletados”.

A pesquisa em questão, quanto à forma, caracteriza-se predominantemente como sendo do tipo qualitativa, uma vez que esta, conforme Cajueiro (2013, p.33), “prioriza as percepções de atitude e aspectos subjetivos dos objetos de pesquisa interagindo em seu grupo. E ainda, considera-se também sendo do tipo quantitativa, pois os dados numéricos são analisados percentualmente. Conforme Moresi (2003, p.20) esse tipo de pesquisa “considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las”. Os dois tipos de pesquisa não se excluem. Cajueiro (2013, p.33) citando (LOHN, 2010, p.6) afirma que “a quantitativa traz indicadores e tendências observáveis e verificáveis. Já a qualitativa busca interpretar valores, opiniões, atitudes e é utilizada, geralmente, para a compreensão de fenômenos que vão além do quantificar e medir”.

3.1.2 - UNIVERSO AMOSTRAL DA PESQUISA E INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

Quanto ao universo amostral a pesquisa foi realizada com professores e professoras de Educação Física, sendo considerada a amostra todos os professores de Educação Física que indicaram estar atuando em alguma escola. Envolveu professores mais novos e mais experientes, variando o ano de graduação desde 1982 até 2017. Chegou-se a uma amostra total de 16 professores que responderam ao questionário.

Em relação ao instrumento de coleta de dados foi confeccionado um questionário online produzido a partir do “Google Forms”, plataforma do navegador Google para confecção de formulários.

O questionário, após confecção por parte do autor deste trabalho, passou por avaliação de diversos professores do Departamento de Educação Física, sendo modificado a cada sugestão de alteração, até chegar a sua versão final, a qual foi encaminhada para validação pelo Professor José do Santos Figueiredo - CREF: 238-G/RN, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Departamento de Educação Física. A versão sofreu apenas uma alteração para que pudesse ser validada definitivamente.

Em seguida, o questionário foi disponibilizado via rede social (WhatsApp) e por e-mail para professores de Educação Física. Inicialmente foi feito contato com professores conhecidos do autor da pesquisa, os quais já estavam atuando em escolas no ensino fundamental e em seguida o questionário foi disponibilizado para uma professora da rede municipal de Natal, a qual tem contato com vários outros professores, facilitando assim a divulgação da pesquisa. Durante o período de uma semana o questionário esteve disponível para resposta. Após esse prazo, nenhum questionário a mais foi submetido para análise.

O questionário, em conformidade com Moresi (2003, p. 64), pode ser entendido como “um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas pré-elaboradas, sistemática e sequencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador”. E segundo Silva e Menezes (2005, p.33), o questionário pode ser empregado “quando se utilizam os sentidos na obtenção de dados de determinados aspectos da realidade”.

O tipo de questionário utilizou-se de perguntas abertas e fechadas. Questionário aberto é “aquele que utiliza questões de resposta aberta. Este tipo de questionário proporciona respostas de maior profundidade, ou seja, dá ao sujeito uma maior liberdade de resposta, podendo esta ser redigida pelo próprio”. (AMARO, PÓVOA e MACEDO, 2005, p.7) Já o questionário de tipo fechado “tem na sua construção questões de resposta fechada, permitindo obter respostas que possibilitam a comparação com outros instrumentos de recolha de dados”. (AMARO, PÓVOA e MACEDO, 2005, p.7). O questionário completo encontra-se em apêndice neste trabalho.

3.1.3 - DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O questionário foi disponibilizado durante uma semana para que professores de Educação Física escolar pudessem responder. Como critério de exclusão foi utilizado o seguinte parâmetro: se o questionário tinha como resposta atuação em alguma cidade do interior, seria excluído da análise específica do item 10 do questionário, tendo em vista que a pesquisa objetivava analisar, principalmente, a percepção de professores de Educação Física escolar atuando no município de Natal, porém, as outras respostas seriam relatadas na análise geral e específica das outras questões. Ao total 16 professores responderam o questionário, sendo 14 atuando em escolas da capital e 2 atuando em escolas do interior.

Assim, verificou-se que dos 14 professores atuando na capital, apenas 2 não irão ministrar aulas de atletismo no ano de 2018, sendo o fator principal a falta de infraestrutura. Os 2 professores atuando no interior responderam quem têm aulas de atletismo planejadas para o ano de 2018.

O questionário teve 15 itens de avaliação. Até o item 09, foram verificados dados pessoais e alguns dados básicos sobre a formação e atuação do professor. A partir do item 10 foram feitos os questionamentos específicos da pesquisa, os quais buscaram atender o objetivo geral do trabalho: investigar o uso do conteúdo atletismo nas aulas de Educação Física junto a professores da área, principalmente atuando em escolas de Natal-RN, verificando se o conteúdo em questão está sendo utilizado pelos professores em suas aulas de Educação Física e em que aspecto este conteúdo poderia estar sendo ensinado: um aspecto lúdico, de promoção do atletismo ou um aspecto de rendimento, de promoção de atletas.

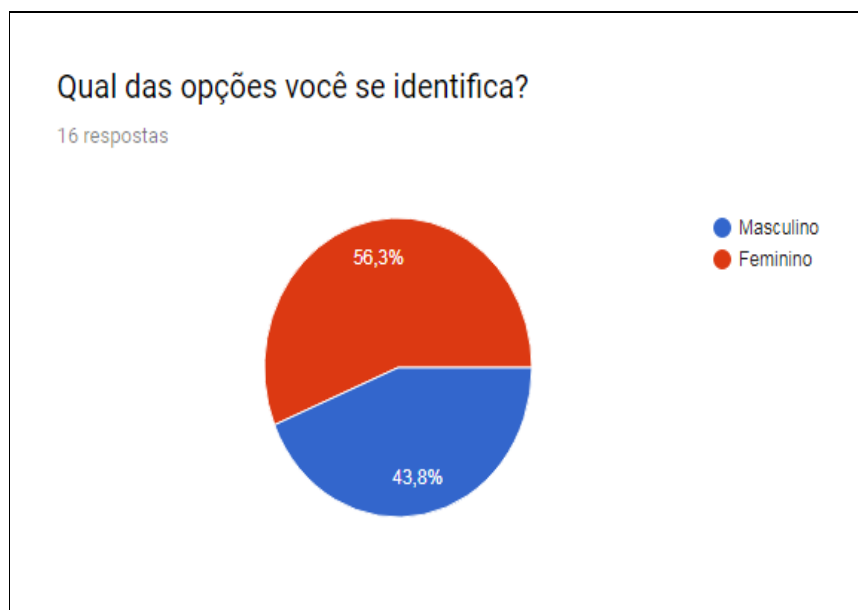
3.2 - RESULTADOS

A seguir, apresentamos os dados obtidos nas respostas dos Professores de acordo com cada item do questionário.

Item 1: Identificação dos professores que responderam ao questionário.

Verificou-se uma leve prevalência de respostas femininas ao questionário. Sendo 9 mulheres e 7 homens.

IMAGEM 1 - Identificação do Professor



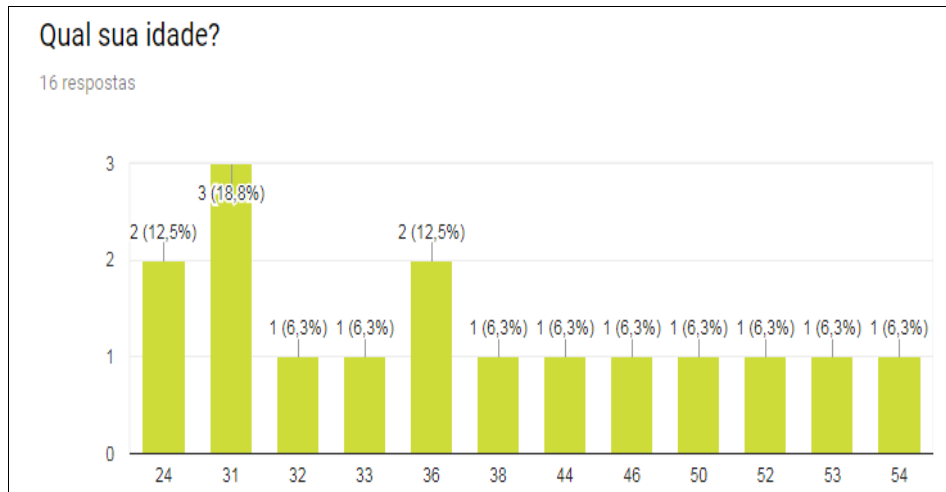
Fonte: Arquivo do autor

Item 2: Idade dos professores.

Quanto a idade pode-se observar uma variação de 30 anos entre o mais novo e o mais velho. A maior ocorrência foi com a idade de 31 anos representando 18,8%, seguida pelas idades de 24 e 36 anos, ambas com 12,5% cada. Isso nos mostra que grande parte dos professores estudaram (principalmente nos anos iniciais da educação escolar) em uma época de grande discussão sobre o objeto de estudo da Educação Física na escola. Um momento de contrariedade a modelos educacionais tradicionais pautados nas concepções tecnicista, esportivista e biológica. Segundo explica Darido (2011), esses modelos sofriam oposição de novos movimentos da Educação Física escolar, principalmente na década de 1970. Com isso, percebe-se que os professores com idades medianas vivenciaram em suas infâncias e

adolescências o momento de transição de uma Educação Física tradicional para uma Educação Física mais crítica no sentido do papel fundamental desta disciplina na escola.

IMAGEM 2 - Idade do Professor



Fonte: Arquivo do autor

Item 03: Foi questionada a graduação do professor.

Verificou-se que a grande maioria tem sua formação em Licenciatura na UFRN. Outros professores referiram formação em Licenciatura em outra instituição de ensino superior não sendo a UFRN.

QUADRO 01: Graduação dos professores que responderam o questionário.

Licenciatura – UFRN
Licenciatura – UFRN
Licenciatura plena.
Licenciatura - Outra instituição de ensino superior
Licenciatura – UFRN
Licenciatura - Outra instituição de ensino superior
Licenciatura - UFRN, licenciatura plena - UFRN
Licenciatura – UFRN
Licenciatura – UFRN
Licenciatura plena UFRN
Licenciatura – UFRN
Licenciatura - UFRN, Bacharelado – UFRN
Licenciatura – UFRN

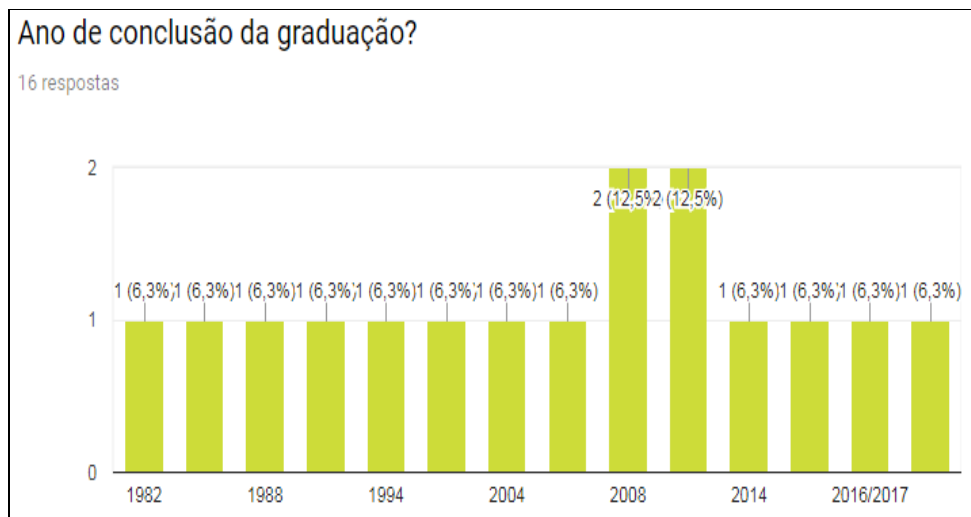
Licenciatura Plena (licenciatura e bacharelado) UFRN
Licenciatura - Outra instituição de ensino superior, Bacharelado - Outra instituição de ensino superior
Licenciatura Plena.

Fonte: Arquivo do autor

Item 04: Aqui foi verificado o ano de conclusão da graduação do professor.

Pode-se observar uma variação muito grande em relação ao ano de formação, tendo professores formados desde 1982 até o ano 2017. Tendo sido os anos de 2008 e 2009 com maior número de formados, um total de 4 professores. Da mesma forma que no item 2, percebe-se que alguns professores da pesquisa concluíram suas graduações no auge do debate acerca do objeto de estudo da Educação Física escolar. As mudanças nos rumos da Educação Física no Brasil eram visíveis entre os anos 70 e início dos anos 80. O interesse e a preocupação por conquista de uma Educação Física mais crítica era base das discussões em encontros regionais (GHIRALDELLI, 1991).

IMAGEM 3 - Ano de conclusão da graduação do professor



Fonte: Arquivo do autor

Item 05: Foi questionado se o professor tinha mais algum título de formação.

Como resposta considerando todos os 16 questionários, apenas 3 relataram não ter mais nenhum título de formação. Todos os outros 13 professores têm alguma especialização, ou mestrado, como se verifica na tabela abaixo, o que significa dizer que existem conhecimentos para além da graduação que podem influenciar uma prática docente mais ampla no sentido de expandir, de fato, os conteúdos da Educação Física escolar, fazendo com que o professor possa utilizá-los de forma significativa em sua atuação no cotidiano escolar.

QUADRO 02: título de formação (além da graduação) dos professores que responderam o questionário.

Especialização, Gama Filho, 2010
Não
Pós-graduação, duas: uma em fisiologia 2002 e outra em Educação global 2014
Não
Especialização (2012); Mestrado (2016)
Pós-graduação em treinamento esportivo no ano de 1999.
Especialização em Cultura de Movimento - UFRN – 2008
Especialização 2004
Especialização Gama Filho 2005
Especialização, UFRN, 2009
Mestrado, UFRN, 2011.
Mestrado UFRN 2018
Não
Especialização, UNOPAR, Londrina, 2006
Sim, na área de educação: psicopedagogia, Local UNP, 2016
Especialização, 2010 /2012

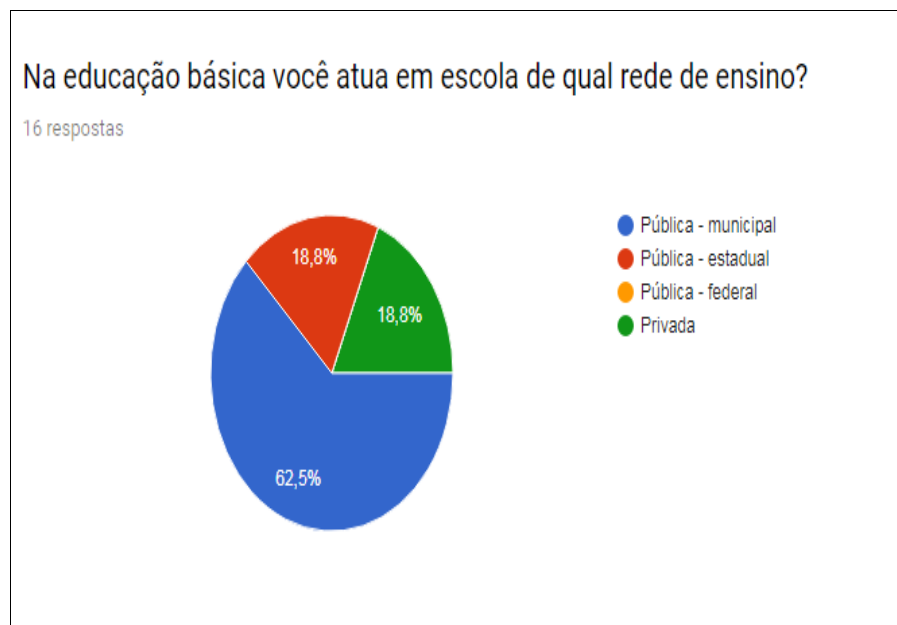
Fonte: Arquivo do autor

Item 06: Foi questionado sobre a rede de ensino em que o professor atuava.

Verificou-se uma prevalência da rede pública municipal (62,5%), sendo 10 professores, enquanto que a rede pública estadual e rede privada obtiveram um percentual de 18,8%, um total de 3 professores para cada. A rede pública federal não contabilizou nem uma resposta ao questionário. Uma pesquisa mais ampliada, mais abrangente pode atingir todas as

esferas de ensino, inclusive a rede federal, o que poderia mostrar um resultado diferenciado, no sentido de haver menos professores trabalhando o conteúdo do atletismo na escola, ou até mesmo reforçar os resultados aqui obtidos, se os professores relatassem, lógico, que estariam utilizando o conteúdo atletismo em suas aulas.

IMAGEM 4 - Rede de ensino em que o professor atua



Fonte: Arquivo do autor

Item 07: Este item diz respeito ao critério de exclusão para análise específica do trabalho. Questionou se o professor atuava na capital ou no interior.

A quantidade de 14 professores (87,5%) atua nas escolas de Natal e outros 2 (12,5%) nas escolas do interior. Como já relatado anteriormente, optou-se por investigar apenas as respostas dos professores atuantes na capital do RN no que diz respeito à análise sobre utilizar o conteúdo atletismo ou não nas aulas de Educação Física. Contudo, considerou-se os resultados obtidos para todas as outras análises aqui relatadas.

IMAGEM 5 - Localização da escola em que o professor atua

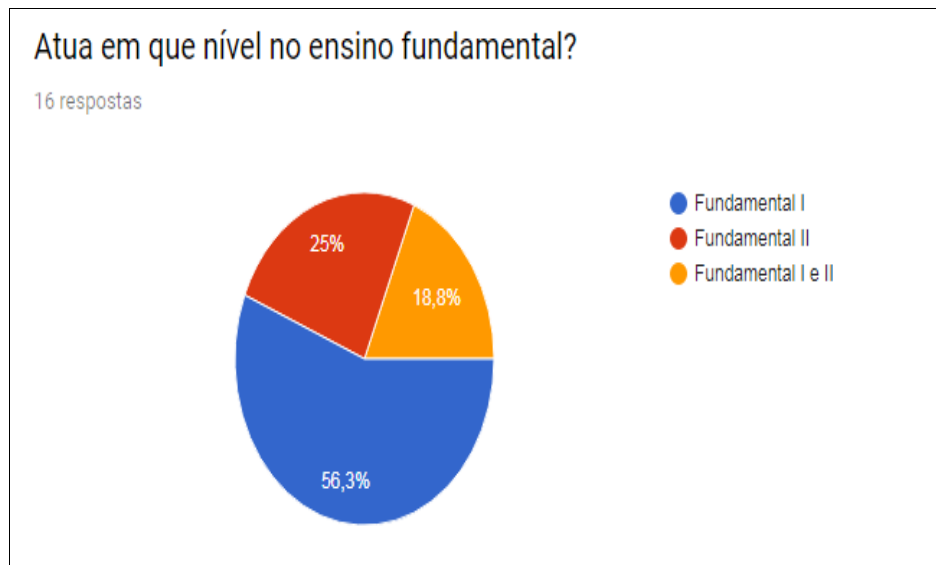


Fonte: Arquivo do autor

Item 08: Analisou em qual nível de ensino o professor estava atuando.

Um total de 9 professores (56,3%) responderam que atuam no ensino fundamental I. Outros 4 professores (25%) atuam no ensino fundamental II. E outros 3 professores (18,8) atuam tanto no fundamental I quanto no II. No aspecto da habilidade motora, no ensino fundamental I, o caso com maior prevalência de atuação relatado, verifica-se que é o momento em que os alunos passam por uma fase chamada “fundamental”, caracterizada assim por Gallahue e Ozmun (2002). Entre 6 e 7 anos é o período em que a criança tende a controlar as habilidades básicas de equilíbrio, locomoção e manipulação de objetos (GALLAHUE E DONNELLY, 2011). Nessa fase a criança vive estágios (inicial, elementar e maduro) de desenvolvimento em que os movimentos aprendidos e desenvolvidos serão aprimorados futuramente na “fase motora especializada”, já nos anos finais do ensino fundamental II. Portanto, o professor de Educação Física deve estar atento a essa situação a fim de garantir o máximo de vivência nas mais variadas possibilidades de movimento, fazendo com que a criança desenvolva-se da melhor forma possível no aspecto motor.

IMAGEM 6 - Nível de ensino em que o professor atua

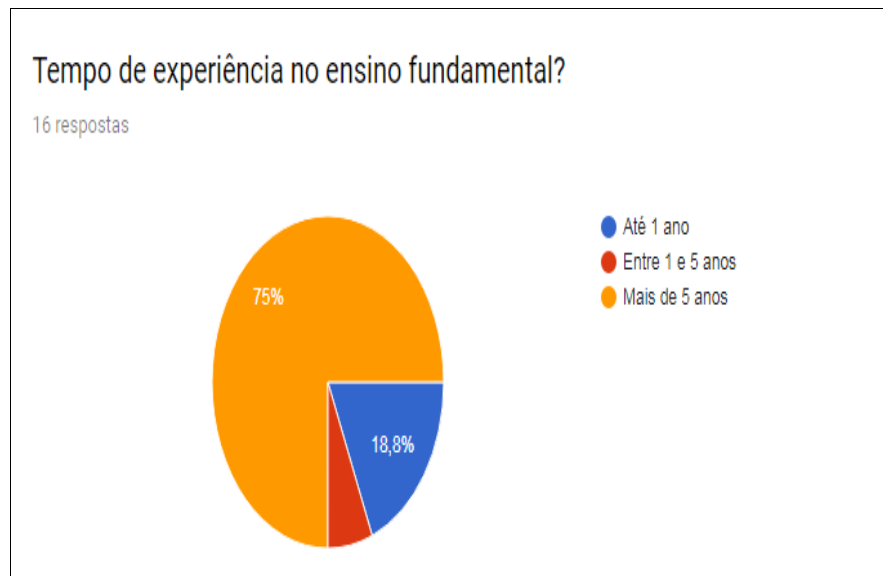


Fonte: Arquivo do autor

Item 09: Avaliou o tempo de experiência no ensino fundamental.

Um total de 12 professores (75%) responderam ter mais de 5 anos de experiência no ensino fundamental. Outros 3 professores (18,8%) relataram ter até um ano de experiência e apenas 1 professor (6,3%) referiu ter entre 1 e 5 anos de experiência. As experiências ora relatadas podem garantir que o professor saberá lidar com a situação de falta de materiais e infraestrutura adequada para a prática docente. Não significa dizer que as aulas de Educação Física não terão nenhum problema pela falta dos itens supracitados. No entanto, espera-se do professor, já com certa experiência, que ele possa administrar a situação da melhor forma possível fazendo com que o aluno possa vivenciar momentos significantes nas aulas de Educação Física.

IMAGEM 7 - Experiência no ensino fundamental



Fonte: Arquivo do autor

Item 10: Este item procurou investigar especificamente quantos professores dos que responderiam o questionário estariam ministrando aulas de atletismo nas escolas em que atuam. Se o professor respondesse “SIM”, deveria especificar o número de aulas previstas no planejamento de 2018 e ainda os conteúdos que seriam trabalhados nas aulas.

Verificou-se um quantitativo de 12 respostas SIM (haverá aula), equivalente a 85,7% das respostas e 2 respostas NÃO (não haverá aula), equivalente a 14,3% das respostas. As outras duas aulas foram referidas pelos professores que atuam no interior, dessa forma não entrando nessa análise específica.

Dessa forma, os resultados aqui encontrados, corroboram os achados de Santos e Santos (2011) que, em trabalho realizado com 60 professores nas escolas estaduais de Sergipe, investigaram o uso dos conteúdos nas aulas de Educação Física. Quanto ao uso de esportes individuais verificou-se que 100% dos professores estavam utilizando o conteúdo atletismo em suas aulas, mesmo que de forma teórica, visto que 65% dos professores relataram ter dificuldades de aplicar aulas práticas, devido à falta de “espaços adequados e também a falta de materiais para o desenvolvimento do atletismo”. (SANTOS E SANTOS, 2011, p. 67). Cabe destacar que na pesquisa ora desenvolvida um professor relatou apenas aplicar aulas teóricas devido à falta de espaço adequado. Ainda ratificando o aumento do

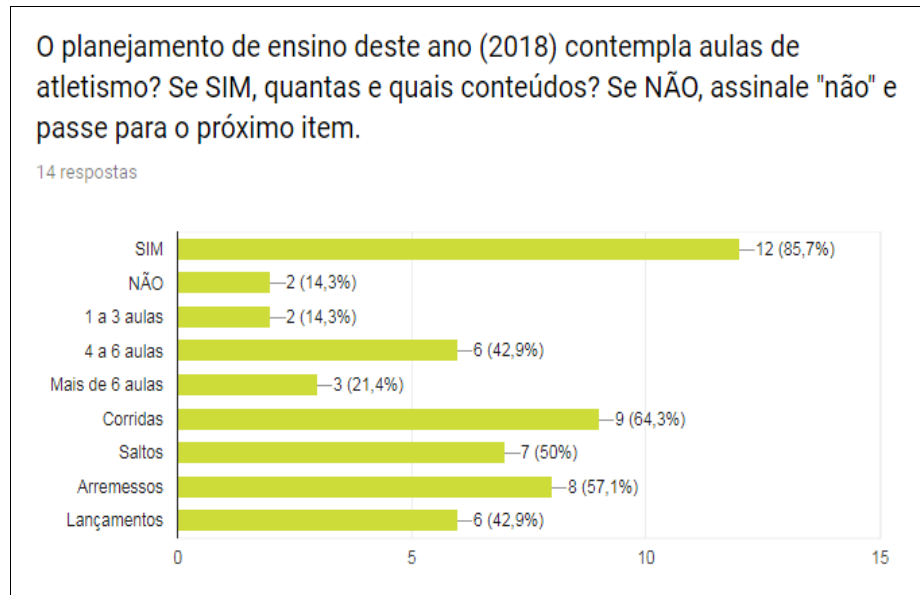
número de aulas sobre atletismo na Educação Física escolar, Rabelo e Fernandes (2010), em pesquisa realizada com 30 professores nas escolas de Belo Horizonte – MG, concluíram que “diante dos dados encontrados e analisados, percebe-se que o conteúdo Atletismo está presente nas aulas de Educação Física[...]”. (RABELO E FERNANDES, 2010, p. 190). Isso mostra uma tendência de utilização do conteúdo atletismo nas aulas de Educação Física escolar, o que de fato é bastante interessante pensando na disseminação desse tema. Assim, espero que a cada ano outros professores possam também se utilizar de outras práticas corporais nas suas aulas, que não seja apenas os esportes com bola.

Quanto ao número de aulas aplicadas, conclui-se que a maioria dos professores aplicam mais de 4 aulas sobre o atletismo. Os dados obtidos mostraram que 2 professores, (14,3%) utilizam de 1 a 3 aulas em seu planejamento; 6 professores (42,9%) utilizam de 4 a 6 aulas; e 3 professores (21,4%) relataram utilizar mais de 6 aulas com o conteúdo atletismo. Esse quantitativo médio de 4 a 6 aulas é um número relativo, tendo em vista que o atletismo tem bastante conteúdo para se vivenciar, contudo não deixa de ser uma quantidade interessante para as aulas, o que equivale a uma unidade didática ou até mesmo um bimestre dependendo da escola.

No que se refere aos conteúdos do atletismo, verificou-se uma prevalência do uso das corridas e arremessos, com 9 e 8 citações respectivamente, seguidos de saltos e lançamentos com 7 e 6 citações respectivamente. De modo, geral os professores estão abordando os conteúdos do atletismo de forma abrangente. Porém, predomina o uso das corridas, confirmando os achados de Mota e Silva et al. (2015) em revisão sistemática, quando afirmam que “ficou latente a ênfase no ensino das corridas, com índices que variaram entre 48% a 100% das vivências proporcionadas”. (MOTA e SILVA et al., 2015, p. 1118)

Quanto aos conteúdos ressaltamos a importância de se estabelecer o critério de utilização a partir da análise do ambiente, verificando as possibilidades de infraestrutura e recursos materiais, mas não deixando de lado algum conteúdo em que não se tenha recurso ou infraestrutura adequada. É preciso que o professor utilize sua criatividade para pensar diferente e planejar sua aula de acordo com a situação do ambiente.

IMAGEM 8 - Questionamento se tem aula no planejamento de ensino do ano 2018



Fonte: Arquivo do autor

Item 11: Perguntou se haveria aula de atletismo no planejamento deste ano (2018). Se não houvesse, o professor deveria marcar por qual motivo não haveria aula do conteúdo referente à pesquisa. Se a resposta fosse SIM, o professor poderia passar para a próxima pergunta.

Apenas 2 professores relataram não haver aula planejada para o ano letivo de 2018. Os dois indicaram a falta de infraestrutura como sendo o ponto principal para não aplicação de aulas de atletismo na escola. Um dos professores ainda relatou falta de conhecimento específico no assunto como um dos motivos para não ministrar a aula sobre atletismo. Quanto a essa situação sugerimos verificar as considerações finais deste trabalho, onde disponibilizamos algumas sugestões de materiais para consulta, que vão proporcionar ao professor um conhecimento que facilitará o uso do atletismo em suas aulas. Outros 2 professores mesmo tendo afirmado que haveria aula de atletismo na escola, optaram por marcar que havia dificuldades com recursos materiais; um deles ainda relatou falta de infraestrutura. Esses dados confirmam os achados da revisão sistemática de Mota e Silva et al. (2015). Conforme os autores, “a falta de infraestrutura das escolas continua sendo uma das maiores dificuldades sentidas pelos professores para trabalhar com o atletismo na Educação Física Escolar” (MOTA e SILVA et al, 2015 p. 1118).

No entanto, ressaltamos que, diante de trabalhos com o de Matthiesen e Daniel (2013) em: Jogos de mesa adaptados ao ensino do atletismo na escola: passo a passo, não podemos deixar de lado o uso do Atletismo mesmo quando não houver infraestrutura ou materiais específicos para tal. Quando só houver a sala de aula, também podemos utilizar o conteúdo Atletismo e é isso que o referido livro se propõe.

QUADRO 03: Resposta dos professores ao questionamento da segunda pergunta se haveria aula ou não de Atletismo no planejamento de 2018, em que o objetivo era, se não houvesse aula, investigar por quais motivos.

SIM
NÃO. Falta de infraestrutura
SIM. Falta de recursos materiais
SIM
SIM
SIM
SIM
SIM
SIM
SIM
NÃO. Falta de infraestrutura; Falta de conhecimento específico sobre o conteúdo
SIM
SIM
SIM. Falta de recursos materiais; Falta de infraestrutura
SIM
SIM
SIM

Fonte: Arquivo do autor

Item 12: Aqui se buscou avaliar qual a perspectiva do ensino do atletismo: se visava a técnica, o rendimento; ou ensino dos movimentos básicos, pensando na promoção da cultura de movimento; ou alguma outra perspectiva que o professor quisesse relatar.

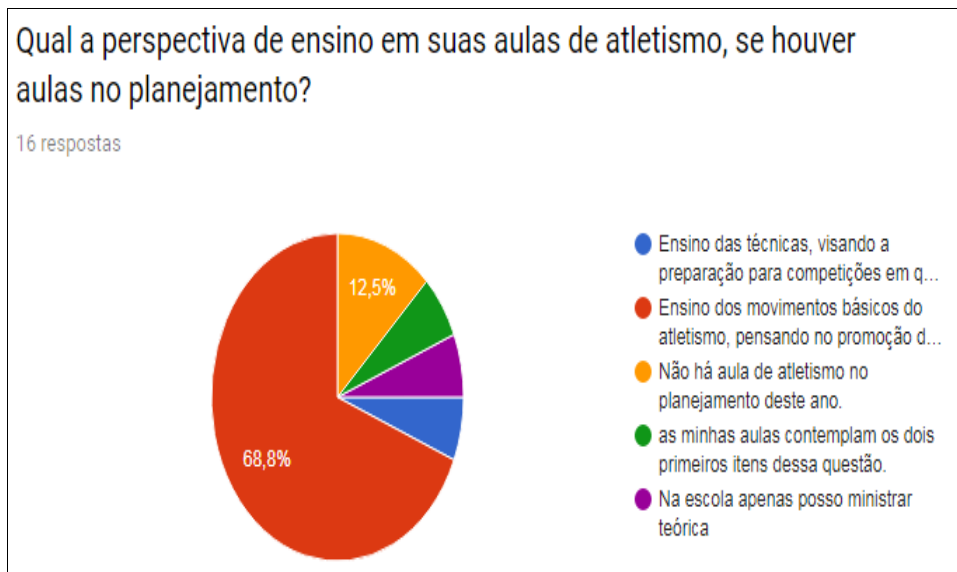
Constatou-se que 11 dos 16 professores (68,8%) afirmaram que as aulas visam somente o ensino dos movimentos básicos do atletismo, pensando na promoção da cultura de

movimento do aluno. Apenas um professor (6,3%) relatou ministrar as aulas com o objetivo de ensino das técnicas, visando preparação para competições em que a escola possa participar. Um professor (6,3%) ainda relatou ensinar visando os dois itens citados anteriormente. E outro professor relatou que, apesar de ministrar aulas de atletismo, isso só pode ser feito de forma teórica tendo em vista a falta de infraestrutura adequada para a prática. Esses dados nos faz pensar que a maioria dos professores estão preocupados mais em promover uma vivência mais efetiva dos movimentos do atletismo, sem necessariamente ter que preparar o aluno para as competições. Isso é bastante interessante, tendo em vista que o aluno que é forçado a vivenciar a técnica exaustiva de algum esporte, pensando nas competições, pode acabar por sofrer uma especialização precoce e ainda passar por frustrações que podem não ser interessante para seu futuro no que diz respeito às práticas corporais na adolescência ou fase adulta. Gallahue e Donnelly (2008) explicam essa relação quando afirmam que:

O fracasso ao desenvolver e aperfeiçoar habilidades motoras fundamentais e especializadas durante os anos cruciais da Educação Infantil e Ensino Fundamental geralmente leva as crianças à frustração e ao fracasso durante a adolescência e a fase adulta. O insucesso ao desenvolver padrões maduros em lançar, pegar e rebater, por exemplo, faz que seja difícil que as crianças tenham êxito ou até mesmo apreciem jogo de softball recreativo. Crianças não podem participar, com sucesso, de uma atividade se elas não aprenderam as habilidades motoras essenciais contidas naquela atividade. (GALLAHUE e DONNELLY, 2008, p. 52).

Nesse sentido, entende-se que, de fato, o objetivo maior das aulas de Educação Física escolar seja a promoção da maior possibilidade de vivências da cultura de movimento, que façam com que o aluno possa saber utilizá-las em outras práticas quando adolescentes ou adultos.

IMAGEM 9 - Perspectiva de ensino nas aulas de atletismo



Fonte: Arquivo do autor

Item 13: Este item verificou a disponibilidade de recursos materiais básicos na escola, dando possibilidade para que o professor relatasse outros materiais que por ventura existissem na escola.

Verificou-se que a maioria dos professores dispõe de algum material básico, por mais simples que seja como é o caso das bolas, cordas, cones e bambolês. Essa possibilidade de utilização de alguns materiais nas aulas de Atletismo na escola pode favorecer para que os professores possam aplicar aulas práticas de corridas e arremessos, principalmente, temas com mais citações na pesquisa com foi mostrado no item 10. Contudo, é preciso que o professor esteja sempre atento e cobre da direção da escola a aquisição de materiais para as aulas de Educação Física. De toda forma, sugerimos o trabalho do Impulsiona Esporte, relatado no final desta pesquisa, o qual oferece um minicurso grátis, em que ensina de forma rápida e fácil a confecção de materiais alternativos para a prática de Atletismo na escola.

QUADRO 04: Recursos materiais disponíveis nas escolas em que os professores trabalham.

Bolas, Bambolê
Bolas, Cordas
Bolas, Cordas, Cones
Cordas, Bambolê, Cones

Bolas, Cordas, Bambolê, Cones, Colchonetes
Bolas, Cordas, Bambolê, Cones, Peso, Tacos de Largada, elástico, espaço físico com caixa de Salto em distância, discos adaptados, dardos adaptados.
Bolas, Cordas, Bambolê, Cones, Colchonetes, raquetes, materiais alternativos fabricados pelos alunos, slakcline e tatame.
Quadro e data show
Bolas, Colchonetes
Bolas, Cordas, Bambolê, Cones, Colchonetes
Bolas, Cordas
Bolas
Bolas, Cordas, Cones
Bolas
Bolas, Cordas, Bambolê, Cones, Colchonetes
Bolas, Cordas, Bambolê, Cones

Fonte: Arquivo do autor

Item 14: Este item avaliou a infraestrutura das escolas. Sendo questionados quais os espaços disponíveis para as aulas de Educação Física nas escolas em que atuam. Aqui também os professores tinham uma lista de espaços que poderiam ser selecionados e ainda a opção de relatar algum outro que não estivesse na lista.

Percebe-se que a maioria das escolas possui algum espaço para aulas práticas, mesmo que precário em algumas escolas. Apenas duas respostas nos mostram que a escola não possui espaço físico para aula prática de Educação Física. Uma quando o professor assinala apenas a sala de aula como espaço para as aulas de Educação Física e outra quando o professor assinala a falta de espaço físico.

Aqui faço um destaque especial, no sentido de afirmar mais uma vez que não é o fato de não se ter infraestrutura e recursos materiais que vai impedir de o professor dar sua aula sobre Atletismo. Existem vários métodos de proporcionar aulas de Atletismo, inclusive dentro da própria sala de aula. E para isso que sugeri no final deste trabalho alguns materiais que favorecem ao professor ter um entendimento melhor de como usar o Atletismo em condições adversas.

QUADRO 05: Lista de espaços disponíveis nas escolas em que os professores atuam.

Pátio
Sala de aula
Quadra poliesportiva
Quadra poliesportiva, Pátio, Espaço aberto
Quadra poliesportiva, Pequeno espaço de terra
Quadra poliesportiva, Pátio, Espaço aberto, Caixa salto em distância.
Quadra poliesportiva, Pátio, Espaço aberto
Não tem espaço físico
Quadra comum
Espaço aberto
Quadra comum, Quadra poliesportiva, Pátio
Espaço aberto
Pátio, Espaço aberto, Estrutura física em geral bem precária. Ex.: Um pátio muito pequeno ou espaço aberto de barro.
Quadra comum
Quadra poliesportiva, Campo de futebol, Pátio, Espaço aberto
Pátio

Fonte: Arquivo do autor

Item 15: A última questão procurou avaliar se os professores que responderam o questionário haviam cursado alguma disciplina relacionada ao atletismo em sua graduação. Este item era de caráter aberto, onde o professor poderia relatar qual a disciplina teria cursado ou não.

Constatou-se que apenas 2 dos 16 professores relataram não haver cursado alguma disciplina referente ao atletismo na sua graduação. Contudo, esses dois professores estão com aulas de atletismo programadas para ministrarem. Já os dois professores que não irão ministrar aulas de atletismo cursaram a disciplina Atletismo 1 e 2, assim relatadas por eles no questionário. Nesse sentido, conclui-se nessa pesquisa, referente a este item, que o fato de ter cursado disciplina sobre o atletismo não garante que o conteúdo será trabalhado na Educação Física escolar.

Entretanto, é sempre interessante que o professor busque conhecimentos mais ampliados sobre os diversos temas da Educação Física para que, dessa forma, possa proporcionar aos seus alunos as melhores e mais diversificadas práticas corporais.

QUADRO 06: Respostas dos professores para a pergunta sobre ter cursado alguma disciplina relacionada ao atletismo em sua graduação.

Não
Sim. Atletismo 1 e 2
Atletismo
Sim, Metodologia do Atletismo
Pedagogia dos esportes
Atletismo 1, Atletismo 2 e Atletismo 3.
Não
Atletismo I e II organização de competições
Sim, atletismo I
Atletismo 1 e 2
Atletismo I
Sim, metodologia do atletismo
Sim metodologia do atletismo
Sim, "ATLETISMO"
Sim, A pedagogia do atletismo
Sim. Metodologia do Atletismo

Fonte: Arquivo do autor

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados da pesquisa, conclui-se que o uso do conteúdo atletismo vem sendo utilizado com mais frequência nas aulas da Educação Física escolar, ratificando, principalmente, o que constatou o resultado da revisão sistemática de Mota e Silva et al. (2015), em que afirma ter havido um aumento do ensino do atletismo na Educação Física na educação básica, considerando os últimos 10 anos.

Dessa forma, está claro que os professores estão utilizando o conteúdo atletismo na escola, principalmente, em uma perspectiva de ensino em que a cultura de movimento é a base para o ensino. Ou seja, os professores estão utilizando mais o atletismo na escola pensando em fazer com que os alunos tenham um repertório motor diversificado e não apenas que saibam as técnicas de cada modalidade do atletismo para utilizarem nas competições.

Quanto as variáveis da pesquisa, a análise empreendida é a de que o tipo de formação acadêmica dos professores parece ser mais um dos empecilhos com influência para não aplicação de aulas de atletismo na escola, visto que dos dois professores os quais afirmaram que não haveria aula de atletismo em seus planejamentos, um só tem a formação de graduação e o outro além da graduação tem apenas uma especialização (não específica em que área).

No que diz respeito ao local de formação e ao ano de formação, não parece que estas variáveis tenham influência direta em não aplicabilidade do conteúdo atletismo na escola, tendo em vista que a maioria dos professores afirmou ter formação na mesma instituição de ensino superior, no caso a UFRN. E dos três que afirmaram ter formação em outra instituição que não fosse a UFRN, todos confirmaram ter aulas de atletismo em seus planejamentos para este ano. Assim, tanto quem tem formação pela UFRN ou outra instituição proporciona conhecimentos do atletismo aos seus alunos.

Por fim, além do tipo de formação acadêmica, o outro empecilho que caracteriza a falta de aulas sobre atletismo é a infraestrutura precária nas escolas, o que favorece para que os professores não se sintam à vontade para aplicar aulas com tal conteúdo. Esse item foi relatado pelos dois professores que afirmaram não haver aulas de atletismo em seus planejamentos e ainda foi relatado por outro professor que explicou apenas ser possível aulas teóricas em sala de aula por não haver espaço adequado para aulas práticas.

Nesse sentido, entendemos que não há negligência por parte dos professores de Educação Física atuantes nas escolas públicas de Natal-RN, quando se trata do conteúdo atletismo na escola. É preciso, contudo, avaliar a qualidade das aulas de atletismo, a fim de verificar se os alunos, de fato, estão adquirindo experiências motoras significativas e conhecimento teórico que sejam úteis para sua formação.

Portanto, sugere-se que este trabalho seja ampliado no sentido de investigar diretamente nas Escolas se os conteúdos estão sendo trabalhados de forma predominantemente teórica ou prática e se de fato a perspectiva de ensino é a de ensinar os movimentos básicos do atletismo, pensando na cultura de movimento dos alunos.

Para finalizar, pensando nas dificuldades de falta de conhecimento específico sobre o atletismo, falta de recurso material e falta de infraestrutura relatada pelos professores dos trabalhos analisados e ainda desta pesquisa, sugere-se que os professores possam conhecer e analisar alguns trabalhos de grande relevância para o ensino do atletismo que podem favorecer para uma boa prática pedagógica no que diz respeito ao ensino do atletismo escolar, os quais cito agora e detalho um pouco de cada um:

Mini Atletismo da IAAF.

O material do Mini Atletismo da Federação Internacional de Atletismo pode ser acessado no link abaixo, é uma das ferramentas importantes para que os professores tenham acesso a diversas práticas de todas as modalidades do atletismo. (www.cbat.org.br/mini_atletismo/Mini_Atletismo_Guia_Pratico.pdf). Destaca-se o capítulo 3 que apresenta todas as atividades do guia dividido por faixa etária.

Impulsiona Esporte - Mini-atletismo (para professores de Educação Física e facilitadores do PNME).

Curso gratuito e de curta duração na modalidade a distância que pode ser acessado pelo link abaixo. Em sua aula 2, o professor aprenderá o passo a passo para a confecção de materiais para utilização nas aulas de atletismo. http://eproinfo.mec.gov.br/eproinfo/interativo/acessar_espaco_sistema/acessar.htm

O caderno 2 do PST-MEC - Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote: badminton - peteca - tênis de campo - tênis de mesa - voleibol – atletismo.

É uma boa opção para os professores que tem mais dificuldades em abordar o conteúdo atletismo na escola, mas que acham importante e entendem que devem ministrar as aulas do conteúdo supracitado. Refiro-me a ser uma boa opção, porque é um trabalho que expõe 20 planos de aulas sistematizadas com todos os detalhes passo a passo. Além disso conta com uma folha de apoio para as aulas, facilitando ainda mais o trabalho do professor.

Jogos de mesa adaptados ao ensino do atletismo na escola: passo a passo / Sara Quenzer Matthiesen [e] Juliana Cardoso Daniel. – São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação, 2013.

Este livro trata de jogos que podem ser produzidos pelos alunos em sala de aula, numa alternativa para os dias em que não possam ser realizadas as aulas práticas em quadra ou pista, por qualquer motivo que seja, como chuva, interdição de quadra, eventos realizados na quadra ou pista de atletismo. Dessa forma, os alunos aprenderão um pouco mais do atletismo, a partir da confecção e utilização dos jogos. Pode ser utilizado inclusive como aulas iniciais num programa sistematizado de ensino do atletismo.

Didática da Educação Física 1 – Unidade didática 1 – Atletismo. Elenor Kunz, Maristela de Souza.

Um dos grandes destaques da Educação Física brasileira, Elenor Kunz, autor da concepção de ensino denominada Crítico-emancipatória, dedicou um capítulo neste livro para relatar suas experiências nas aulas de Educação Física com o conteúdo Atletismo. A ideia é fazer com que o professor tenha um embasamento teórico-prático para trabalhar com o conteúdo do atletismo de forma mais lúdica sem perder os objetivos do esporte. O livro apresenta uma ideia de minicurso pautada numa perspectiva pedagógica, conforme cita Kunz, 2013, p. 22:

(“...”) partimos da ideia de que, para garantir uma concepção pedagógica no ensino dos esportes, necessário se faz: 1) que esse esporte passe por uma transformação didático-pedagógica e 2) que o “campo de diferentes e significativas possibilidades de um se-movimentar”, ou seja, correr, saltar, e arremessar/lançar, deve ser “encenado” de forma a realmente atender múltiplas possibilidades”.

Um destaque interessantíssimo que o autor faz ainda na introdução do capítulo, e que muitas vezes não é valorizada pelos professores, trata-se da “desconstrução de imagens”, (KUNZ, 2013, p. 25). É preciso que o aluno saiba que as aulas do atletismo na escola serão diferentes do treino de um atleta que disputa competições.

Livro Atletismo se aprende na escola. Sara Quenzer Mattiensen.

O livro é uma opção muito interessante também para o professor que está sem saber quais temas, conteúdos, brincadeiras a ser utilizadas nas aulas de atletismo. Com um total de 11 capítulos, o livro se destaca na área por apresentar bastantes atividades que podem ser utilizadas em todas as modalidades do atletismo. Todos os capítulos apresentam possibilidades de vivências lúdicas que serão de grande importância para as aulas de Atletismo de uma forma diferente da aula que visa rendimento e técnica.

Nova Escola na Sua Escola | Como trabalhar saltos na quadra da escola Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=7iQ3DjjpPrI>

Esta vídeo-aula nos mostra como é fácil, de certa forma, trabalhar o atletismo na escola, pensando aqui no ensino dos saltos em distância e altura. A aula é realizada com uma turma do ensino fundamental da Escola Estadual Doutor Afiz Gebara, localizada em Capão Redondo, São Paulo. O professor, consultor do grupo Nova Escola, utiliza-se da quadra da escola e mais alguns materiais disponíveis como, por exemplo: elástico, cordas, bambolês, principalmente.

Consultando e fazendo uma análise do que pode ser realizado na escola que o professor atua, certamente, ele terá uma boa base de informações, conteúdos, planos de aula e maneiras diferentes de como ensinar o atletismo.

Assim, estaremos colaborando para uma Educação Física mais ampliada no que diz respeito à disseminação do conteúdo Atletismo numa perspectiva de promoção da cultura de movimento. Isso deve ser feito com os demais conteúdos da Educação Física, visando sempre à ampliação dos temas trabalhados no ensino fundamental, proporcionado assim uma Educação Física cada vez mais abrangente e atraente para os alunos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo, SP: Loyola, 2003. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=-fzErzs9UkwC&pg=PA22&lpg=PA22&dq=rousseau+diz+que+a+criança+so+aprende+atraves+da+conquista+ativa&source=bl&ots=Q0Pp70GLVG&sig=jymu2kBzwuJujCxIywjDWFBCBgw&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjatDM6JTaAhUGC5AKHeEeBMgQ6AEIRTAC#v=onepage&q&f=false> acesso em: 30 mar. 2018.
- AMARO, Ana; PÓVOA, Andreia; MACEDO, Lúcia. **A arte de fazer questionários**. Porto, Portugal: Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 2005.
- BOAVENTURA, Eduardo; RICCI, Christiano Streb. **Atletismo. In: DARIDO, S. C. (Org.). Educação física escolar: compartilhando experiências**. São Paulo: Phorte, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC 3ª versão**. Brasília, DF, 2016.
- CAJUEIRO, Roberta Liana Pimentel. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos: guia prático do estudante**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2013.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. *O atletismo: origens*. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/atletismo/origem.asp>, Acesso em: 21 fev. 2016.
- DA SILVA MACHADO, Thiago; BRACHT, Valter. O impacto do movimento renovador da Educação Física nas identidades docentes: uma leitura a partir da “teoria do reconhecimento” de Axel Honneth. **Movimento**, v. 22, n. 3, 2016.
- DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. – [Reimpr.]. – Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.
- DOS SANTOS, Antônio de Pádua; DIAS, Maria Aparecida. O atletismo na escola: uma possibilidade pedagógica. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, Año 16, Nº 159, Agosto de 2011.
- Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote: badminton - peteca - tênis de campo - tênis de mesa - voleibol - atletismo - 2º Edição**. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/170985>. Acesso em: 23 jan. 2018
- FALCÃO, José Luiz Cirqueira; SARAIVA, Maria do Carmo. **Práticas corporais no contexto contemporâneo : (in)tensas experiências**. – Florianópolis : Copiart, 2009.
- GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C.; GOODWAY, Jackie D. **Compreendendo o desenvolvimento motor:- bebês, crianças, adolescentes e adultos**. AMGH Editora, 2013.
- GALLAHUE, David L.; DONNELLY, Frances Cleland. **Educação física desenvolvimentista para todas as crianças**. 4ª ed., Phorte, 2008.
- GHIRALDELLI, Paulo. **Educação física progressista**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

GRUPO, DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPE-UFSM. **Visão didática da Educação Física: análises críticas e exemplos práticos de aulas**. Rio de Janeiro: ao livro técnico, v. 24, p. a26, 1991.

Houaiss. Dicionário da língua portuguesa. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/houaiss/>>, acesso em: 30 mar. 2018.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. 4ª edição, reimpressão. Editora Perspectiva S.A. São Paulo, 2000.

Impulsiona Esporte - **Mini-atletismo (para professores de Educação Física e facilitadores do PNME)**. Disponível em: http://eproinfo.mec.gov.br/eproinfo/interativo/acessar_espaco_sistema/acessar.htm. Acesso em: 23 jan. 2018.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ed. UNIJUI, 1994.

KUNZ, Elenor; SOUSA, Maristela. Atletismo. In: KUNZ, Elenor (org.). **Didática da Educação Física 1**. 5ª. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2013. – 160p. – (Coleção educação física).

MANOEL, Edison de Jesus et al. **Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. EPU, 2014.

MANZINI, Eduardo José. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. **Revista Percursos**, p. 149-171, 2012.

MARINHO, Cláudia Maria de Lima Simas; DE LIMA, Êcione Félix. CONTRIBUIÇÃO DO LÚDICO NA CONSTRUÇÃO DO SABER INFANTIL E NA PRÁTICA DOCENTE. **Revista do CERES**, v. 1, n. 1, p. 103, 2015.

MARQUES, Carmem. Lúcia Da Silva; IORA, Jacob Alfredo. *Atletismo Escolar: possibilidades e estratégias de objetivo, conteúdo e métodos em aulas de Educação Física*. Porto Alegre, v. 15, n. 02, p. 103-118, abril/junho de 2009.

MATTHIESEN, Sara Quenzer. **Atletismo se aprende na escola**. 2ª ed. Fontoura. Jundiaí-SP, 2012.

MATTHIESEN, Sara Quenzer; PRADO, Vagner Matias Do. Para além dos procedimentos técnicos: o atletismo em aulas de educação física. **Motriz**, Rio Claro, v. 13, n. 2, p. 120-127, abr./jun. 2007.

MATTHIESEN, Sara Quenzer; DANIEL, Juliana Cardoso. **Jogos de mesa adaptados ao ensino do atletismo na escola: passo a passo** – São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação, 2013. Disponível em: http://www.culturaacademica.com.br/catalogo-detalle.asp?ctl_id=340, acesso em: 23 jan. 2018.

MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais no primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental**. Brasília: MEC - Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

MINIATLETISMO INICIAÇÃO AO ESPORTE Guia Prático de Atletismo para Crianças 1ª Edição IAAF: 2002 Charles Gozzolli (FRA) Elio Locatelli (IAAF) Dieter Massin

(GER) Björn Wangemann (IAAF) 2ª Edição IAAF (revisada e alterada); Charles Gozzoli (FRA); Jamel Simohamed (IAAF); Abdel Malek El-Hebil (IAAF) Tradução: Alda Martins Pires Nilton Cesar Ferst, 2014. Disponível em: http://www.cbaf.org.br/mini_atletismo/Mini_Atletismo_Guia_Pratico.pdf. Acesso em: 23 jan. 2018.

MORESI, Eduardo et al. Metodologia da pesquisa. Brasília: Universidade Católica de Brasília, v. 108, p. 24, 2003.

MOTA E SILVA, Eduardo Vinícius et al. Atletismo (ainda) não se aprende na escola? Revisitando artigos publicados em periódicos científicos da Educação Física nos últimos anos. **Movimento**, v. 21, n. 4, 2015.

Nova Escola na Sua Escola | **Como trabalhar saltos na quadra da escola**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7iQ3DjjpPrI>. Acesso em: 14 abri. 2018

PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE DO ESCOLAR - Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/2012/comentarios.pdf>, acesso em: 22 fev. 2016.

SANTOS, Antônio de Pádua Dos. **O atletismo da dimensão escolar: uma perspectiva lúdica**. Monografia de especialização em Educação motora na escola. 1999. 69f. Departamento de Educação Física, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal.

SANTOS, Josivan Rosa; SANTOS, Fábio Silva dos. Educação física escolar, seleção de conteúdos e a prática do atletismo em Sergipe. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 10, n. 4, p. 61 - 68, 2011.

APÊNDICE

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

1. Qual das opções você se identifica?

- Masculino
- Feminino
- Outro

2. Qual sua idade:

3. Qual sua graduação?

- Licenciatura - UFRN
- Licenciatura - Outra instituição de ensino superior
- Bacharelado - UFRN
- Bacharelado - Outra instituição de ensino superior
- Outra:

4. Ano de conclusão da graduação?

5. Mais algum título de formação? Se sim, especificar qual, local e ano de conclusão. Ex.:
Mestrado, UFRN, 2015.

6. Na educação básica você atua em escola de qual rede de ensino?

- Pública - municipal
- Pública - estadual
- Pública - federal
- Privada

7. A escola em que atua na educação básica está localizada onde?

- Na capital
- No interior

8. Tempo de atuação na escola?

- Até 1 ano
- Entre 1 e 5 anos
- Mais de 5 anos

9. Tempo de experiência no ensino fundamental?

- Até 1 ano
- Entre 1 e 5 anos
- Mais de 5 anos

10. O planejamento de ensino deste ano (2018) contempla aulas de atletismo? Se SIM, quantas e quais conteúdos? Se NÃO, assinale "não" e passe para o próximo item.

- SIM
- NÃO
- 1 a 3 aulas
- 4 a 6 aulas
- Mais de 6 aulas
- Corridas
- Saltos
- Arremessos
- Lançamentos

11. O planejamento de ensino deste ano (2018) contempla aulas de atletismo? Se SIM, assinale "sim" e passe para o próximo item. Se NÃO, por quê? Assinale uma ou mais alternativas, se for o caso.

- SIM
- NÃO
- Falta de recursos materiais
- Falta de infraestrutura
- Desinteresse dos alunos
- Falta de conhecimento específico sobre o conteúdo
- Outros...

12. Qual a perspectiva de ensino em suas aulas de atletismo, se houver aulas no planejamento?

- Ensino das técnicas, visando a preparação para competições em que a escola participa.
- Ensino dos movimentos básicos do atletismo, pensando na promoção da cultura de movimento do aluno.
- Outra:

13. Sobre as condições de trabalho quais os recursos materiais disponíveis na escola para a realização das aulas de Educação Física?

- Bolas
- Cordas
- Bambolê
- Cones
- Colchonetes
- Outros:

14. Sobre as condições de trabalho qual a infraestrutura disponível na escola para a realização das aulas de Educação Física?

- Quadra comum
- Quadra poliesportiva
- Campo de futebol
- Pátio
- Pista de Atletismo
- Espaço aberto
- Outros:

15. Em sua graduação de Educação Física cursou alguma disciplina relacionada ao atletismo? Se sim, qual?
